A FORMAÇÃO DE INDÍGENAS NO CURSO DE PEDAGOGIA EaD/UAB/UFMT/IE: DESAFIANDO A COORDENAÇÃO DO CURSO

Maria Aparecida Rezende (PPGE/UFMT/IE) – rezemelo@gmail.com

GT 14: – Movimentos Sociais e Educação

Resumo:
Esse trabalho é fruto da minha experiência como coordenadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia modalidade a distância. Apresento um relato de experiência acerca dos desafios que o curso enfrenta para atender à formação de estudantes da etnia *A'uwẽ uptabi* (Xavante). Vivemos em um país de 305 povos indígenas e 274 línguas de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), censo 2010. O Estado de Mato Grosso reconhece 43 povos. As informações obtidas se dão nas conversas com os estudantes via WhatsApp, acompanhamento por meio das disciplinas no Ambiente Virtual de Aprendizagem, bem como reuniões nas aldeias. Mesmo com todas as dificuldades apresentadas, o curso se esforça para compreender o modo de ser e viver deles. Os indicadores apontam que eles poderão integralizar o curso para obter o título de Pedagogos, desde que haja um acompanhamento diferenciado, uma extensão de tempo um pouco maior, buscaremos esses direitos na legislação indígena a partir da Constituição Brasileira.

Palavras-chave: Formação de professores. Desafios. AVA

1 Introdução

O objetivo deste Relato de Experiência é descrever, ainda que de modo suscinto, as dificuldades enfrentadas pelo curso de Licenciatura em Pedagogia modalidade a distância. O curso iniciou em 2017 em quatro polos sede: Água Boa, Canarana, Juara e Primavera do Leste. Cada polo com sessenta vagas. Em Água Boa entraram dois *A'uwẽ uptabi* (Xavante); em Canarana entraram cinco estudantes, quatro *A'uwẽ uptabi* e uma *Kamayurá*. Em Primavera do Leste entraram três estudantes da etnia *Boe (*Bororo).

O curso de Pedagogia iniciou-se início de 2017 e 140 estudantes colaram grau no mês de setembro/2021, via Sistema Eletrônico de Informação atendendo a Resolução do CONSEPE/UFMT e Portaria vigente por causa da Pandemia Covid 19, até 30/10 mais seis estudantes colarão grau da mesma forma. Oito estudantes que irão colar grau até julho/22 farão o ENADE, os demais, pequeno grupo como os *A'uwẽ uptabi* têm a chance de integralizar o curso até agosto/setembro/22 com acompanhamento individualizado, pois cada um está cursando disciplinas diferenciadas. A ressalva é que a partir de maio do ano de 2022 o curso já não terá financiamento, portanto perderá todas as bolsas. Nesse caso não terá orientadoras acadêmicas e nem docentes para acompanhá-los até o final. Procuraremos alternativas, mas o

importante é que, aqueles que tiverem interesse em terminar o curso terá acompanhamento pedagógico.

Pautada na dimensão teórica-metodológica do Projeto Pedagógico do Curso (PPC, 2012) que usa a metáfora do "currículo em espiral aberta" a coordenação e a sua equipe pedagógica consideram importante alongar o período de estudos para aquelas e aqueles que tiveram problemas ao longo do curso. De acordo com esse currículo necessário se faz "construí-lo num constante ir-e-vir, num vir-a-ser em que todos os sujeitos e componentes envolvidos participam em sua configuração e em sua materialização, relacionando-se e determinando-se mutuamente" (PPC, 2012, p. 22). Assim, mesmo sem financiamento, os estudantes seguirão em seus estudos até agosto de 2022. Partimos pelo princípio da solidariedade e do compromisso com a sociedade. Esta, em especial as comunidades indígenas necessitam desses profissionais de sua etnia para levar adiante o desejo da escola e educação diferenciada que saiba identificar os problemas da comunidade por dentro, como membro dessa sociedade.

2 Dificuldades identificadas pela coordenação do curso ao longo da sua trajetória

É evidente que coordenar um curso não é tarefa fácil e ficar em exercício por quatro anos e responsabilizar-se por ele por um tempo maior do que um semestre, oito meses, o desafio é maior, tudo isso sob o compromisso de garantir aos estudantes o direito de integralizar o curso.

Alguns obstáculos fizeram os desafios ficarem maiores ao longo da coordenação e em relação aos acompanhamentos dos estudantes indígenas. O primeiro deles foi o fato de coordenar o curso mais de dois anos com professores substitutos, pois parte da equipe estava afastada para qualificação doutoral. O segundo a contenção de verbas pelo governo federal. A terceira a pandemia.

A equipe pedagógica que acompanha o curso de Pedagogia EaD é composta por professores dos três Departamentos do Instituto de Educação, a saber: Departamento de Ensino e Organização Escolar; Departamento de Teorias e Fundamentos de Educação e Departamento de Psicologia. Com o afastamento de parte da equipe o curso foi desenvolvido por pouco mais de dois anos com um número reduzido de docentes efetivos tendo a maioria como substitutos. Por ser professores substitutos, segundo normativas eles não poderiam assumir a coordenação pedagógica nos polos porque essa atividade é nomeada na Lei 158 como administrativa. Esse foi o primeiro empecilho. O Curso traz esse encargo como um dos mais importantes, como

afirma o (PPC, 2012), tomarei um pequeno trecho da tarefa sob a responsabilidade dessa coordenação pedagógica:

> Acompanhar o planejamento e o desenvolvimento do processo seletivo de orientadores, em conjunto com o coordenador de curso e equipe do NEAD [...] responsabilizar-se pelo acompanhamento do processo de avaliação em suas múltiplas dimensões [...] coordenar as atividades ligadas à realização dos seminários temáticos, práticas pedagógicas e ensino/estágio, estudos e pesquisas desenvolvidas no polo; solicitar e sugerir, quando necessário, palestras, cursos, oficinas que contribuam para melhor desempenho da equipe de orientadores [...] participar da formação inicial e continuada dos orientadores oferecida pela instituição, contribuindo nas discussões e avaliando a formação oferecida pelo professor especialista/formador e o envolvimento/participação dos orientadores [...] analisar e aprovar juntamente com os orientadores as propostas de "Verificação de Aprendizagem" (Meio II), propostas pelos professores especialistas/formadores da área, e contribuindo para sua elaboração (PPC, 2012, p. 77-78).

Essas ações descritas são algumas, mas por elas percebe-se que sem essa figura a qualidade do curso pode cair e multiplicar o trabalho do coordenador de curso. Portanto, essas são atividades primordiais descritas no PPC do curso que lhe confere qualidade e compromisso com os estudantes.

O segundo desafio foi a contenção de verbas deliberadas pelo governo brasileiro. Diversas atividades importantes do curso foram reduzidas ou extintas, vejamos algumas resumidamente: a) os cursos de formação das orientadoras acadêmicas[1] presencias e mensal extinguiram-se; passaram a ser por meio de web conferência reduzido para um dia por tornar-se cansativo; b) as visitas mensais dos coordenadores pedagógicos para acompanhamento das atividades presenciais como seminários e outras atividades pedagógicas também acabaram; c) as visitas da coordenação do curso nos polos e nas aldeias também foram extintas, teria muitas outras atividades para ser relatadas que não é possível em um pequeno Relato de Experiência.

O terceiro desafio veio complementar as dificuldades, pois já com tantas atividades exterminadas pelos cortes de verbas da universidade a pandemia veio para o desafio do inovar para não fechar os cursos. Sem poder atender presencialmente aos estudantes, as orientadoras acadêmicas tiveram que parar com várias atividades e uma delas afetaram, em especial o acompanhamento pedagógico dos acadêmicos indígenas. Sem internet nas aldeias, alguns sem celular o trabalho EaD e online tornou-se impossível. As orientadoras acadêmicas tiveram curso online com a SETEC e com nossa equipe de como deveria ser os atendimentos. Apresentaram grandes dificuldades, mas o trabalho caminhou. Os indígenas sofreram mais

[1] Conferir responsabilidades das orientadoras acadêmicas no PPC/2012, p. 69-72. Esse PPC/2012 é o que rege a turma da Pedagogia de 2017.

uma vez o prejuízo desse acompanhamento. São falantes de sua língua mãe, muitas dificuldades com a língua portuguesa e a distância esse problema também alargou as condições de ficarem fragilizados no acompanhamento das disciplinas.

O sonho da formatura para esses indígenas ficou mais distantes ou talvez sem possibilidades. As comunidades deles lhes cobram pressa. Eles querem uma escola diferente, mas para isso precisam que sejam os próprios *A'uwẽ uptabi* a propor, discutir e debater no coletivo que escola e ações educativas escolares eles querem. Um exemplo é esses depoimentos dos *Apyãwa* (conhecidos por Tapirapé). Eles tiveram o apoio de pessoas do CIMI para ir construindo essa escola e afirmam:

> A escola, para nós, tem o significado da vida cotidiana, além da sala de aula. Nesse sentido, a escola *Apyãwa* foi muito importante para o nosso povo entender o mundo do *maira* (não indígena) e fortalecer o nosso modo de viver também. A escola é um espaço que garante a manutenção das nossas tradições e da nossa língua, para nós não perdermos nossa identidade como povo indígena (SILVA; PAULA; PAULA; FERREIRA; FILHO, 2019, p. 58).

Essa escola é o sonho do povo *A'uwẽ uptabi*[2]. Em reunião com a comunidade sou cobrada por eles para ajudá-los na contínua busca de mudar o desenvolvimento curricular em suas comunidades. As mulheres mais velhas têm pesadelo do extermínio de sua cultura. O debate nas reuniões do *Warã*[3] gira em torno dessa mudança no Projeto Pedagógico de cada escola indígena.

Diante dos desafios enfrentados pela nova estrutura do curso diante da falta de verbas e da Pandemia esse sonho de obter um Diploma de pedagogos e atuar como docentes pesquisadores e agidores das mudanças de sua própria educação escolar será um pouco mais adiado.

3 Considerações finais

O curso em pouco tempo teve diversas mudanças. Elas não foram para melhorar a condução pedagógica ou mesmo administrativa, mas para ter possibilidades de dar continuidade. A tristeza que sinto enquanto coordenadora dele é que eu carrego nos ombros

[2] Escrevi meu TCC de Especialização em Teorias Antropológicas em 1998-1999 "A escola que queremos". O título não é esse, mas a pesquisa foi sobre essa temática. Elas querem uma escola que respeite suas tradições e educação *A'uwẽ uptabi.*

[3] *Warã,* espaço de decisões políticas, culturais e de políticas externa à comunidade. Participantes todos masculinos, porém com a escuta das mulheres, os homens trazem algumas decisões de sua casa debatida e discutida com a esposa. Para saber mais sobre o povo *A'uwẽ uptabi,* em especial sobre as mulheres ver tese doutoral.

uma história de vida desse curso com trajetória de qualidade, pioneiro no país na modalidade a distância e ofertado no Japão/Brasil. Eu pego essa coordenação no momento mais trágico da história brasileira. Ele inicia em um contexto político com o descaso pela educação brasileira e com cortes de verbas em seu primeiro ano de vida sob a minha coordenação. Com dois anos de vida para somar a todos os obstáculos relatados vem a pandemia que faz todos os envolvidos na educação brasileira que tenha compromisso com ela (re)pensar sua estrutura e buscar novos meios tecnológicos e online para dar continuidade.

Apesar de todas as dificuldades que desenharam diversos desafios é possível registrar a vitória do curso: em maio ele fez quatro anos de vida e conseguimos formar, via Sistema Eletrônico de Informação 140 (cento e quarenta) estudantes. Agora em outubro mais seis integralizarão o curso. Um grupo de estudantes farão o ENADE e assim que tiverem sua nota publicada será possível realizar sua exação curricular e finalizar o curso. Um pequeno grupo, e, entre eles estão três dos quatro *A'uwẽ uptabi* que deverão esforçar-se para integralizar o curso até agosto de 2022. Um dos *A'uwẽ uptabi*, para nossa alegria conseguiu colar grau junto com o grupo maior.

Enquanto coordenadora do curso não posso ficar preocupada somente com o ato administrativo dele. Priorizo a dimensão humana, os desejos e os sonhos das pessoas que buscam com muita dificuldade realizar um curso superior. A Educação a Distância vem para atender a essas comunidades. Mas isso não significa inferiorizar o curso, ao contrário, é necessário empenhar-se mais, pois são elas que mais necessitam de estudar por estar longe dos grandes centros de estudos. Os estudantes indígenas merecem um pouco mais de atenção porque apresentam um ponto de dificuldade que os demais não apresentam: o problema linguístico, pois na estrutura do curso não conseguimos tradutores para eles, uma fragilidade do curso. Como em todo o Brasil pensamos no acolhimento das ações afirmativas, mas a permanência desses estudantes caiu no vazio, no elo perdido entre o fazer a universidade e desistir sem condições de dar continuidade. Seguimos com o compromisso fortalecido pela vontade de ajudar os estudantes a integralizar o curso, apesar de todas as adversidades que não foram relatadas.

Referências

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA MODALIDADE A DISTÂNCIA. Cuiabá: EDUFMT, 2012.

SILVA, Adailton Alves da; PAULA, Eunice Dias de; PAULA, Luiz Gouvêa de; FERREIRA, Lucimar Luísa; FILHO, João Severino. História da Educação Escolar *Apyãwa: Xanexema'eãwa Paragetã,* Tangará da Serra: Ideias, 2019.